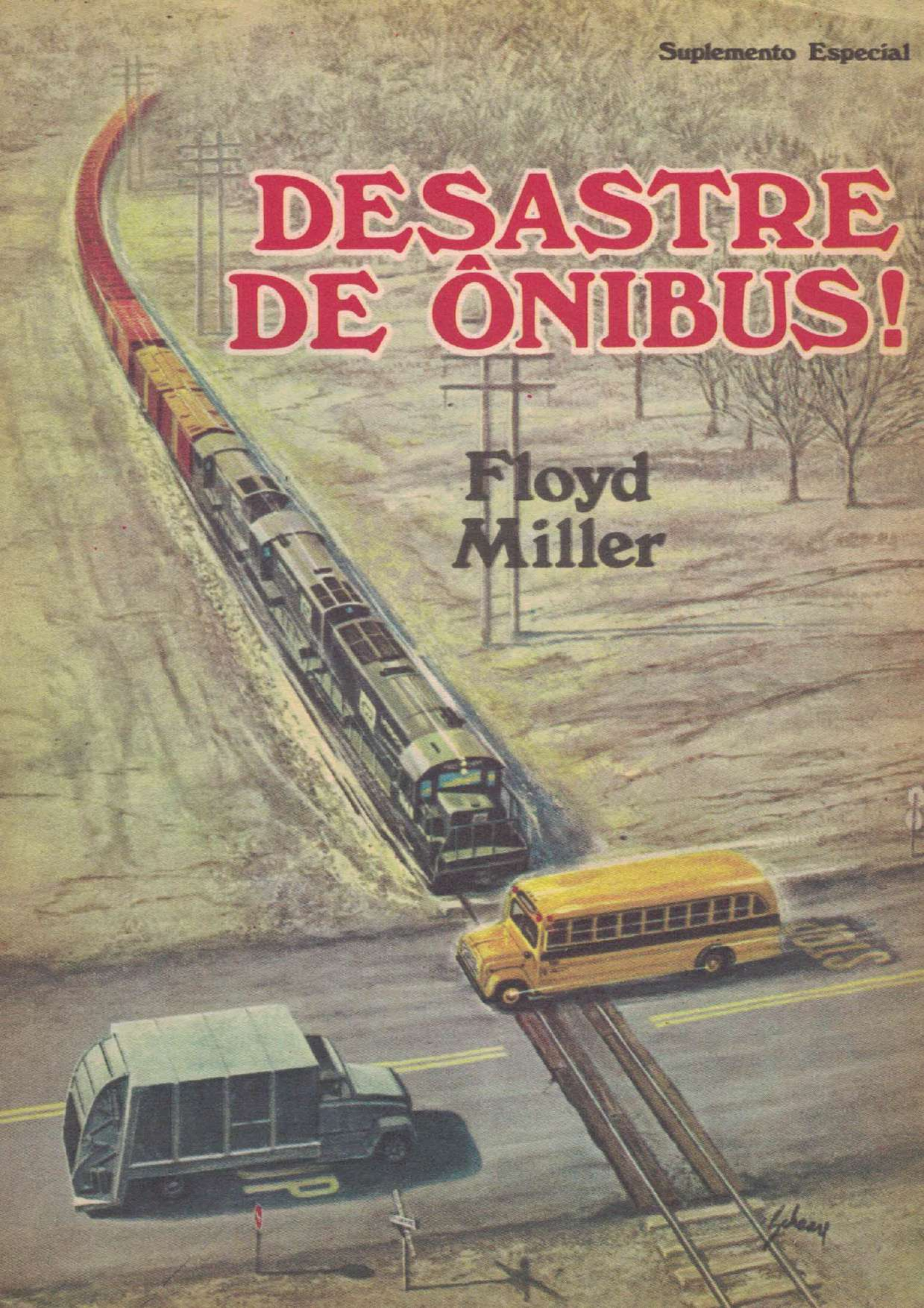


DESASTRE DE ÔNIBUS!

Floyd
Miller



O apito do trem feriu a placidez da manhã, enquanto o ônibus escolar amarelo, cheio de crianças, fazia a curva, morro abaixo, em direção à passagem-de-nível. Momentos depois, o choque. Repentinamente, uma cidade e todos os seus habitantes se viam arrebatados por uma pavorosa tragédia que, durante vários dias, os uniu pela cooperação e, para sempre, pela solidariedade



DESASTRE DE ÔNIBUS!

A CASA n.º 9 da Terceira Rua na aldeia de Congers, no estado de Nova York, é uma impecável construção de madeira, onde Edward e Joan Fitzgerald vivem com suas sete crianças e a mãe de Edward. Na manhã de 24 de março de 1972, a rotina doméstica seguia o seu

curso normal. Às 7 e 50, Joan estava de pé, ao lado da mesa da cozinha, penteando sua filha de seis anos. As três crianças mais velhas tinham preparado seu próprio lanche, e já haviam saído. Agora, Joan estava no andar de baixo, para dar de comer aos mais novos e mandá-los à escola.

Havia uma coisa fora do comum, na cozinha, naquela manhã: o corredor da pia continha uma pilha de *moulages*, que Joan havia lavado na noite anterior e iria guardar depois. Moulages são moldes de feridas artificiais (ferimentos de bala ou faca, queimaduras, esfolados, lacerações) feitos de plástico, em cores vivas e realísticas. Dava a impressão de que uma macabra autópsia tinha sido feita na pia da cozinha dos Fitzgeralds.

Joan era instrutora de primeiros-socorros e antiga sócia do Ambulatório Voluntário de Congers. Exatamente na noite anterior, ela havia encenado um desastre para a associação. Aplicara os moulages sobre «vítimas» voluntárias, espalhadas pelo «local do desastre», e em seguida enviara membros da associação para os ir buscar, diagnosticar e tratar.

Enquanto penteava o cabelo de sua filha, Joan pensava sobre aquele ensaio. Houve algumas falhas, naturalmente. Uma delas ocorrera com Stephen Ward, um rapaz de dezesseis anos, que havia representado o papel de vítima de um tiro. O grupo de socorros localizou, diagnosticou e tratou corretamente o ferimento de entrada da bala no seu peito — mas se esqueceu de procurar e tratar do ferimento de saída do projétil nas costas! «Desculpe,

Stephen», tinha insinuado Joan, por brincadeira, «mas você está morto.»

Talvez porque estivesse tão imersa em seus pensamentos, ela deixou de cumprir uma pequena parte da sua rotina matinal. Às 7 e 55, ouviu-se o apito monótono e penetrante de uma locomotiva Diesel. Este som sempre fazia com que ela se voltasse e olhasse, pela janela, para um ponto a sessenta metros de distância, onde a estrada de Gilchrest cruza com os trilhos da Ferrovia Penn Central. Por qualquer razão, naquela manhã ela não olhou.

Segundos mais tarde, ouviu-se outro som, como o de um baque, e ela pensou que talvez o seu filho de dez anos, John, tivesse caído da cama. Largando a escova de cabelo, encaminhou-se para as escadas, e encontrou John, de pé, na porta da cozinha. Seu rosto estava lívido, uma máscara de cera com dois enormes olhos arregalados. Tomado de pavor quase indescritível, o garoto disse: «O ônibus da escola acaba de ser apanhado por um trem.»

Ela se virou e olhou pela janela. A visão a fez cambalear, e seus pulmões se esvaziaram como se ela tivesse levado um murro no estômago. A única coisa que conseguiu fazer foi dizer, numa voz rouca: «Oh, meu Deus!»

Recolhendo as crianças

JOSEPH LARKIN, de 35 anos, era um bombeiro de Nova York que vivia fora da cidade, e viajava todos os dias para o trabalho. Já se convencera da dura realidade da vida num subúrbio; era praticamente impossível esticar o seu salário de bombeiro o suficiente para alimentar, vestir e dar um teto adequado a uma família de quatro pessoas. Precisava arranjar um segundo emprego. No outono de 1969, tinha se tornado motorista em meio-expediente do ônibus da escola, transportando as crianças para a cidade de Nyack, onde ficava o ginásio da região.

Naquela manhã, que havia começado tão rotineiramente no lar dos Fitzgeralds, Larkin saiu de casa e foi com seu carro até o parque de estacionamento dos ônibus escolares, em Congers. Entrou no grande ônibus amarelo n.º 596, verificou os freios e os faróis vermelhos e, em seguida, rodou para a área de Valley Cottage, onde trabalhava.

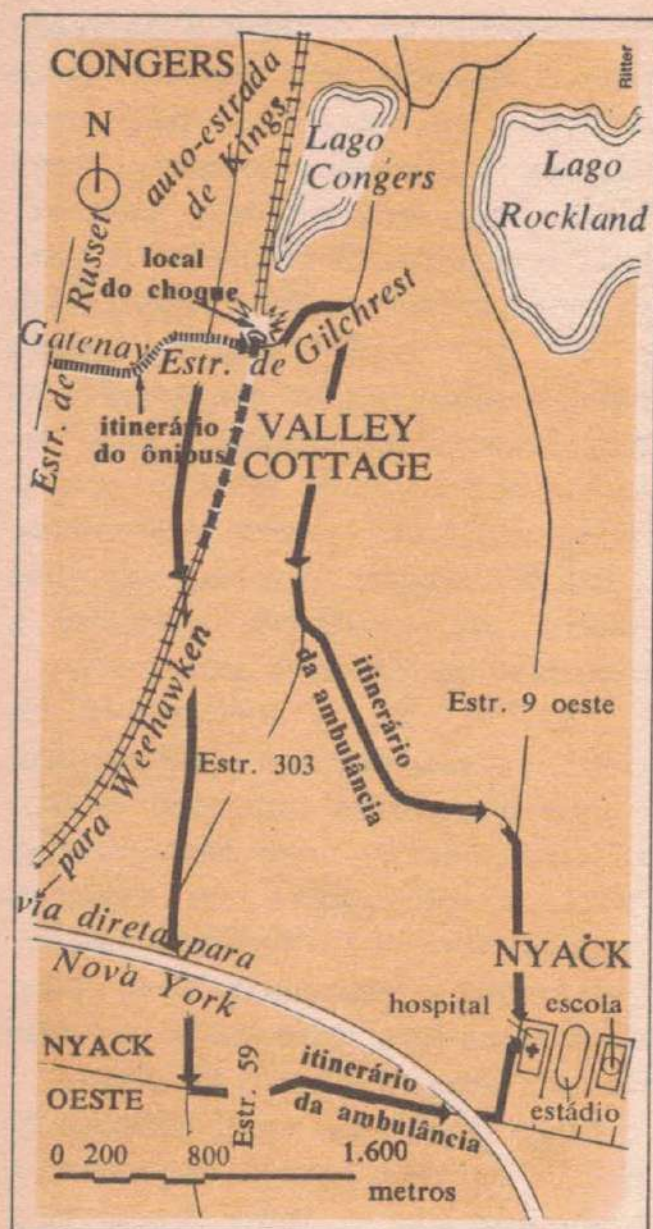
Minutos depois, estava a caminho, atravessando ruas ladeadas por casas confortáveis, recolhendo pequenos grupos de alunos em pontos pre-estabelecidos. Na esquina das ruas Gateway e Russet, estava Barbara Trunz. Barbara tinha concorrido recentemente ao papel principal de uma peça, no teatro da escola, e o resultado seria conhecido naquela tarde. Com o apetite perturbado pelo nervosismo, ela só conseguira tomar um copo de suco

de laranja pela manhã. Sua mãe, ex-atriz de televisão, compreendeu perfeitamente. À porta, enquanto Barbara saía, disse-lhe carinhosamente: «Coragem!»

Barbara entrou no ônibus, e foi para a parte de trás, sentando-se numa poltrona do lado de dentro do corredor, três fileiras antes do fundo.

Um dos que entraram depois foi Stephen Ward, filho único. Era sempre um garoto calmo, e naquele ano tinha decidido entrar para a Academia Militar de West Point, que ficava a uns quarenta quilômetros da sua casa, para quem sobe pelo Rio Hudson. Escrevera cartas para o Vice-presidente Agnew e para os dois senadores de Nova York, pedindo que considerassem o seu pedido. Por outro lado, atirou-se ainda mais aos estudos, para melhorar suas notas. Ao entrar no ônibus, escolheu uma poltrona perto da janela, do lado direito, na sexta fileira.

Os irmãos Macaylo — Clifford, de quatorze anos, e Richard, de dezoito — subiram pouco depois. Clifford escolheu um lugar lá na frente, enquanto seu irmão mais velho foi até o fundo, e se sentou no lugar livre ao lado de Ward. Stephen contara a Richard o seu sonho de entrar para West Point. Alguns dos colegas poderiam achar graça de tal ambição, mas não Richard, que também era um aluno brilhante. Assim que Richard se juntou a ele, Stephen começou a contar o seu azar da noite anterior,



McGuinness jogava futebol e hóquei na primeira divisão escolar. Por ser muito atarracado, não era um atleta natural, mas poucos colegas o igualavam em garra. «McGuinness parece um hidrante ambulante», comentou um dos seus treinadores. «Mas rende cem por cento.»

Quando Teresa McNeely subiu, dirigiu-se para a parte de trás do ônibus, sentando-se ao lado de Barbara Trunz. Queria conversar com sua amiga, e também queria exibir sua calça nova.

A mãe e o padrasto de Teresa, Alice e Tom Martin, tinham idéias ultrapassadas sobre a maneira de vestir e, apesar dos protestos de Teresa, não aprovavam o uso de *blue-jeans* ou calças compridas na escola, exceto quando fazia mau tempo. Alice Martin era enfermeira, e fazia parte do grupo-de-trabalho IV (intravenoso) no Hospital de Nyack, nas proximidades. Naquela manhã, enquanto se aprontava para o trabalho, viu Teresa atravessar o *ball*, vestida de calças. Abriu a boca para fazer a filha voltar, mas uma espiada para o relógio mostrou que, se o fizesse, a garota perderia o ônibus. Comparou as prioridades entre o horário e o dever, mas não fez nada, resolvendo apenas que falaria com Teresa mais tarde.

Larkin dirigiu o ônibus através de Valley Cottage, recolhendo crianças, até o ônibus ficar superlotado. Tinha no total 48 passageiros: 31 rapazes e 17 garotas, sete deles viajando de pé.

ao ser «mortalmente atingido por um tiro», durante o ensaio de desastre da associação de socorros.

Na parada seguinte, entraram os irmãos Mauterer — David, de dezesseis anos, e Robert, de quatorze. David sentou-se mais à frente, mas seu irmão mais novo caminhou até encontrar um lugar livre no meio do ônibus, bem à frente de Stephen Ward e Richard Macaylo, e ao lado de um dos seus heróis, James McGuinness.

Entraram na estrada de Gilchrest, no percurso final até o Ginásio de Nyack. Normalmente, o ônibus da escola não vinha por este caminho, mas as obras de um novo sistema de esgotos haviam obrigado a um desvio poucos dias antes. Neste trecho, a estrada descia ligeiramente até os trilhos da Ferrovia Penn Central. Não havia nenhuma cancela, nem guarda, nem farol ou campainha de aviso—apenas um sinal circular, com o tradicional X e as letras RR (*railroad*) e, sobre ele, um sinal octogonal com a palavra STOP. Antes do cruzamento, um grupo de árvores bloqueava parcialmente a visão, mas, no mês de maio, as árvores estavam desfolhadas. Através dos ramos nus, vários estudantes viram um trem avançando.

Um apito «desesperado»

O TREM n.º 2.653, da Penn Central, havia sido formado no pátio de composições de Weehawken, em Nova Jersey, na noite anterior. Tinha três gigantescas locomotivas Diesel e 73 vagões de carga. A tripulação do trem chegou às cinco da manhã, realizou as verificações de rotina nos freios e, em seguida, o trem partiu para North Bergen, onde rebocou mais dez vagões de carga.

O trajeto para o norte não apresentou novidades, até que chegaram ao ponto de controle 22, em West Nyack. Ali, descobriram um sinal funcionando mal: a luz piscava

do amarelo para o verde e do verde para o amarelo, sem parar. O trem deteve a marcha, e o maquinista Charles Carpenter contatou Nova York pelo radiotelefone, para relatar o defeito. O controlador assegurou-o de que a linha estava livre e de que podia seguir. Tendo parado num trecho ascendente, as três Diesels resfolegaram para retomar a velocidade perdida com a paragem. Num ponto exatamente a sul de Congers, o trem, com suas quatro mil toneladas, movia-se a quarenta quilômetros por hora.

Às 7 e 54, a locomotiva da frente passou por um sinal sonoro, o que significava que, 450 metros à frente, havia uma passagem-de-nível, e que estava em vigor o regulamento 14-L. Segundo este regulamento, o maquinista deve apitar duas vezes (um apito curto, seguido de um longo), e isso foi feito.

Logo depois do sinal sonoro, os trilhos curvam para a esquerda, e, à medida que o trem descrevia a curva, os três homens que estavam na cabine (o maquinista Carpenter, o foguista George Gray e o guarda-freios John Carey) puderam ver, sem qualquer impedimento, a passagem-de-nível com a estrada de Gilchrest. A visibilidade era boa. A via à sua frente estava desimpedida.

O foguista Gray, sentado no lado esquerdo da cabine, viu num relance uma mancha amarela à distância — o ônibus. Estava a centenas de metros do cruzamento, com espaço mais que suficiente para

parar. Mesmo assim, Gray ficou preocupado. Sempre se sentia pouco à vontade quando os ônibus escolares se aproximavam dos trilhos percorridos pelo seu trem.

Todos os homens na cabine do trem podiam ver agora o ônibus, e tinham os olhos fixos nele, esperando que abrandasse a marcha a qualquer momento. Passaram-se os segundos, e cada um dos homens distendeu os músculos da perna direita, como se os seus próprios pés estivessem sobre aquele distante pedal de breque. Em sentido contrário ao do ônibus que se aproximava, do outro lado do cruzamento, um caminhão de lixo, dirigido por William Muccio, havia parado. Muccio também olhava paralisado, enquanto o ônibus descia pela estrada. Instintivamente, apertou a buzina. O gemido foi acompanhado por um apito «desesperado» do trem.

No vagão da retaguarda, o condutor Joseph Liberttucci mantinha-se atento à longa fila de vagões que se estendiam à sua frente e, um por um, desapareciam por trás das árvores à esquerda. De repente, o alto-falante do rádio soou, e ele ouviu a voz frenética do maquinista Carpenter, vinda da cabine lá à frente, gritar o aviso de desastre: «Mayday! Mayday!» (palavras adotadas internacionalmente como aviso de socorro a desastres).

Naquele momento, o trem foi sacudido, enquanto o maquinista acionava os freios de emergência

que imobilizavam as rodas. Houve um gemido agudo de metal, e depois uma sucessão de choques, à medida que o trem distendido começava a se contrair. Mas a inércia de quatro mil toneladas em movimento não podia ser detida de uma vez, e a grande locomotiva Diesel irrompeu através do cruzamento.

O foguista Gray, petrificado pelo horror, viu o ônibus em disparada entrar no cruzamento ao mesmo tempo. Na sua mente, ficaram para sempre gravados os rostos emoldurados pelas janelas do ônibus — alguns com as bocas abertas, num grito inaudível, outros com as mãos estendidas, numa vã esperança de repelir o monstro que galgava sobre eles.

«Calma! Calma!»

A MÁQUINA pegou o ônibus um pouco atrás do seu ponto central, com a violência e o barulho de uma bomba explodindo. Como uma gigantesca lâmina, a locomotiva cortou irregularmente a metade traseira do ônibus, a lançou de rodas para o ar, para o lado do cruzamento, espalhando passageiros e poltronas pela estrada. A outra metade do ônibus (da sexta fileira para frente) abateu sobre si própria com o impacto, e se enrolou, como se fosse feita de papel, sobre o nariz rombudo da máquina. Depois, dilacerada e retorcida, a confusa massa de aço ainda rangeu por trezentos metros, ao longo dos trilhos da via férrea,

com a parte da frente da locomotiva firmemente encaixada dentro dela.

Ao longo desses trezentos metros, corpos destroçados cobriam a beira do percurso. Uma estranha «tempestade de neve» encheu o ar — milhares de pedaços de papel rasgados, dos livros e cadernos, deveres de casa que nunca receberiam uma nota — pousando lentamente sobre os corpos. Por fim, o trem se deteve e fez-se o silêncio.

Na janela da cozinha que dava sobre esta cena, estavam as faces lívidas de Joan Fitzgerald, John, de dez anos, e Eileen, de seis. Joan tinha os braços ao redor das crianças, mas não havia maneira de protegê-las daquela visão.

«O ônibus não parou», ficou repetindo John. «O ônibus não parou!»

O ensaio de desastre que Joan tinha realizado na noite anterior parecia ter pouca relação com a realidade que se apresentava agora à sua frente. Como é que uma coisa destas podia acontecer?

Ela pegou o telefone, e discou para a polícia. «Um trem apanhou um ônibus escolar na estrada de Gilchrest!», gritou no telefone. «Vamos precisar de ambulâncias, muitas ambulâncias. E de uma companhia de bombeiros.»

Em seguida, jogou um casaco sobre os ombros, apanhou uma bolsa de primeiros-socorros e correu para fora. Sentia-se como se tivesse pesos de chumbo nos pés. Estava correndo o mais depressa que podia, mas o seu avanço parecia se medir aos centímetros.

Por fim, chegou à passagem-de-nível, onde estava a metade traseira do ônibus. Nesta metade, havia vinte e uma crianças, e deste número duas estavam de pé. Um rapaz e uma garota andavam em pequenos círculos, com os rostos totalmente inexpressivos.

«Sentem-se», disse Joan. «Sentem-se no chão, e não se mexam até eu poder atendê-los!» Os jovens obedeceram.

Seu problema agora era estabelecer prioridades. Quem precisava de cuidados imediatos e quem poderia ser deixado para depois, em segurança? Descobriu um garoto que havia sido projetado do ônibus com tanta violência que sua cabeça estava meio enterrada no solo. Ajoelhando-se, retirou a terra do seu rosto, para deixá-lo respirar mais facilmente. Verificou a pulsação no pescoço do garoto, e sentiu-o bater forte. Ele podia esperar.

Perto dali, estava o corpo inanimado de um garoto cuja perna havia sido cortada abaixo do joelho. Correu para ele. Ao chegar ao seu lado, descobriu que, embora a perna estivesse grotescamente torcida para trás, com pontas irregulares de ossos quebrados e expostos, o pé e o tornozelo ainda estavam presos por alguns músculos e tendões da barriga-da-perna. Aplicou um torniquete para evitar a perda de sangue.

Enquanto se movia entre as crianças, Joan tinha a impressão de que estava assistindo a um

filme antigo, no qual cenas sem conexão apareciam rapidamente na tela. De repente, surgiu um guarda entre dois vagões do trem. Quando viu a carnificina, seu rosto perdeu a cor. Com voz roufenha, gritou: «Calma! Calma!»

William Muccio, cujo caminhão de lixo havia parado por causa do trem, apareceu ao lado de Joan, com lágrimas correndo pelo rosto. «O que posso fazer?», implorou ele. «O que é que eu posso fazer?»

Em seguida, ela avistou dois homens bem vestidos, correndo em sua direção. «Cubram algumas crianças com os casacos!», gritou-lhes. Instantaneamente, eles obedeceram. Nesta altura, chegou seu marido. Os três homens passaram a trabalhar com Joan.

Agora, podiam-se ouvir as sirenas de várias ambulâncias que vinham subindo de leste, pela estrada de Gilchrest, parando depois ao lado do trem. Maggie Kuehne, uma voluntária da Associação de Socorros da Comunidade de Nyack, trepou pelas ferragens do engate entre dois vagões, como tinha feito o guarda, e pulou para o chão. Com os braços cheios de equipamentos de primeiros-socorros, caiu de mau jeito e fez uma careta de dor. Endireitou-se rapidamente, e correu para a criança mais próxima. Como iria descobrir mais tarde, naquele pulo havia deslocado uma vértebra. Embora com fortes dores, continuou a tratar das crianças.

Joan Fitzgerald ia de criança em criança, deixando que suas mãos

fizessem as bandagens e aplicassem talas como se por reflexo. Duas das crianças eram conhecidas, mas se ela as viu não as reconheceu. Seus sentidos estavam ausentes do horror da cena. Ali próximo, jazia o corpo de Stephen Ward, o rapaz no qual havia aplicado a moulage de ferimento a bala, na noite anterior, e que ela havia declarado morto como brincadeira. Ele ainda estava vivo, mas seu pulso era fraquíssimo.

«Este dia infernal»

QUANDO o Dr. Saul Freedman, chefe do Serviço de Emergência Médica do Hospital de Nyack, entrou na sua vaga de estacionamento no hospital, uma enfermeira veio correndo contar sobre o acidente. «Chame Judy e Lillian, e venham todas comigo», ordenou Freedman.

Com as três enfermeiras e o equipamento de primeiros-socorros no carro, dirigiu-se para a estrada de Gilchrest, chegando lá às 8 e 15. O Dr. Freedman tinha servido como capitão, na unidade médica da marinha, durante a Segunda Guerra Mundial, mas os milhares de ferimentos de guerra que já vira não tinham conseguido impressioná-lo tão fortemente como aquelas crianças.

«Já assisti a heroísmos em combate», disse mais tarde, «mas nada parecido com o que vi ali. Não havia nem gritos nem gemidos. Crianças com pelvis quebradas,

membros praticamente amputados, rostos dilacerados, abdomes abertos, concussões, costelas quebradas — todas aguardando com estóica paciência que pudessem ser atendidas.»

Uma das garotas, Mary Jane Li Puma, vinha sentada na sexta fileira de bancos do ônibus, do lado oposto ao impacto. «Tinha amputação parcial de uma das pernas, abaixo do joelho», lembra o Dr. Freedman, «e estava coberta de sangue das feridas. Entretanto, quando me ajoelhei ao seu lado, ela conseguiu dizer: *Eu estou bem. Por favor, cuide do meu amigo!*»

Presente, no local, estava também o Dr. Frederick Zugibe, o médico-legista da região. Na sua profissão, já vira inúmeros acidentes, mas o que foi encontrar ali o deixou chocado. Comentou: «Tenho sete filhos, e era como se *eles* estivessem ali estendidos ao lado dos trilhos. Foi difícil não chorar.»

Depois que a ambulância de Congers chegara, e fora feito tudo o que era possível, naquele lado da ferrovia, Joan Fitzgerald foi até a parte da frente do trem, onde a metade frontal do ônibus ainda estava cravada na locomotiva. No assento do motorista, estava Joseph Larkin, meio inconsciente e ainda não atendido. De vez em quando, perguntava: «Alguém se machucou?» Ninguém lhe respondia.

Descobriu-se que Larkin tinha uma lesão na coluna vertebral, e uma maca especial foi requisitada a uma das ambulâncias. Seu corpo

foi tirado de entre as ferragens, amarrado à maca e levado para uma ambulância, que o deixou no hospital.

Um novo horror surgia agora. Entre o ônibus desfeito e a locomotiva Diesel, descobriu-se o corpo de um garoto. O mistério de como ele conseguiu ser lançado para fora do ônibus, naquele segundo do impacto, e ter ficado entalado *entre* o ônibus e o trem nunca seria esclarecido. Um enfermeiro subiu até as ferragens, e conseguiu abrir passagem, o suficiente para tocar no garoto.

«Está vivo. Ele está vivo!», gritou para os outros.

O que se poderia fazer? Estava fora do alcance da força humana separar as ferragens entrelaçadas do ônibus e da locomotiva, e um maçarico de acetileno inflamaria a gasolina derramada. Milagrosamente, apareceu naquele momento um trator de escavação. Um cabo de aço foi rapidamente preso à carroceria do ônibus, e o trator roncou rodando para trás, esticando o cabo. Os ferros retorcidos do ônibus rangeram, estremeceram, e, com um ruído metálico, se soltaram. Todos pularam para dentro da abertura que se fez, e encontraram, não um, mas dois rapazes! Cuidadosamente, eles foram trazidos para baixo, instalados em ambulâncias e transportados com urgência para o hospital. Ambos sobreviveram.

Às 9 e 15, o último dos sobreviventes havia sido retirado. Entretanto, havia dois corpos debaixo

do trem. Assim, havia chegado a morte para James McGuinness, o craque do atletismo, e Richard Macaylo, o aluno-modelo. Foram retirados pelo Dr. Zugibe e sua assistente, e levados para serem autopsiados. Um terceiro rapaz, Robert Mauterer, estava morto ao chegar ao hospital. Três mortos até aquele momento.

Como suas tarefas estavam terminadas, o Dr. Zugibe e Joan Fitzgerald aceitaram as canecas de café trazidas por gente das redondezas. O médico observou o rosto de Joan durante um momento, e disse: «Como se sente a respeito do motorista do ônibus? Notei que você se retraiu quando o levaram.»

«Não consegui encontrar ânimo para ajudá-lo», confessou Joan. «Tenho vergonha de mim mesma, mas a verdade é essa.»

«Tente ver as coisas de outro modo», aconselhou Zugibe. «Trata-se de um homem que cometeu um terrível erro, mas ele irá se punir muito mais do que você poderia fazê-lo. Viverá com este dia infernal o resto de sua vida. E o mesmo acontecerá com sua mulher e filhos.» Mais ou menos este diálogo seria repetido muitas vezes, por inúmeras pessoas, nos dias que se seguiram.

Rapaz A e garota B

TOLHIDA pela calamidade, Nyack e as cidades vizinhas de Congers

e Valley Cottage reagiram prontamente, conjugando esforços e recursos para enfrentar a tragédia comum.

Às oito horas e dois minutos da manhã, no Hospital de Nyack, foi posto em vigor o Plano de Desastre, sendo a primeira vez que era usado para um acidente de tal magnitude. Todos os chefes de departamentos foram avisados, do diretor de patologia aos serviços de manutenção e alimentação. Todas as enfermeiras que estavam de folga foram convocadas, com ênfase especial para o pessoal de emergência e tratamento intensivo.

Um pequeno hospital comunitário, como o Hospital de Nyack, depende muito da participação de voluntários. O diretor deste departamento estava, desde cedo, ao telefone, convocando suas voluntárias (senhoras e jovens) para aumentar o grupo de 35 que, normalmente, se apresentava ao serviço.

Por extrema coincidência e felicidade, tinha sido acabada de construir uma nova ala de seis andares para o edifício. O número de camas aumentara, assim, para mais 140, e o número total de salas de operação passou a ser de nove. Uma delas já estava sendo usada, mas todas as outras cirurgias foram canceladas.

O cirurgião-chefe, Dr. Herbert Sperling, ouviu no rádio do seu carro as primeiras notícias sobre o desastre. Dirigiu-se imediatamente para o hospital, e deu instruções para se convocarem todos

os médicos de todas as especialidades: cardiologia, gastroenterologia, hematologia, neurocirurgia, ortopedia, anestesiologia e cirurgia-plástica. Além disso, cancelou todas as intervenções cirúrgicas anteriormente programadas. Entrementes, o diretor de radiologia ordenou a anulação de todos os trabalhos previstos nos oito gabinetes de raios-X.

Às 8 e 30, chegou ao hospital o primeiro dos estudantes feridos. À medida que cada um era admitido, recebia uma injeção antitetânica, e uma enfermeira da seção intravenosa retirava uma amostra de sangue para o caso de ser necessária uma transfusão. Em seguida, o Dr. Sperling fazia diagnósticos preliminares, antes de enviar a criança à radiologia, ou, em casos extremos, diretamente para a cirurgia.

Entretanto, quando a primeira criança chegou, surgiu um problema de identificação. Apenas algumas tinham levado consigo suas pastas ou bolsas, e mesmo estas as haviam perdido na confusão do choque. Além disso, a maioria das crianças estavam inconscientes ou de tal modo desorientadas que não podiam responder às perguntas. Quem eram elas?

Provisoriamente, foram identificadas escrevendo-se letras em suas testas, e todos os registros médicos que as acompanhavam através do hospital levavam o rótulo anônimo, A, B ou C, até que os pais ou colegas lhes pudessem devolver seus verdadeiros nomes.

Pelas 8 e 45, havia uma caravana contínua de macas cirúrgicas trazendo jovens pacientes do serviço de emergência para o departamento de radiologia, onde oito técnicos e quatro radiologistas, muitos deles não escalados para trabalhar naquele dia, tinham se apresentado para o serviço. Um técnico da General Electric, que acabara de instalar uma das máquinas, ficou para ajudar na câmara-escura.

À medida que cada chapa de raios-X era exposta, levavam-na para ser revelada imediatamente. No gabinete de inspeção, sentado durante toda a manhã, esteve o Dr. Frank Dain, que anotava cada diagnóstico — «perda de dentes... ossos nasais fraturados... amputação parcial da perna esquerda abaixo do joelho... compressão da 7.^a, 8.^a e 9.^a vértebras torácicas... fratura do crânio...»

Dain anexava à chapa cada diagnóstico escrito, e afixava ambos com esparadrapo à parede do corredor. Daí, eram levados por uma enfermeira, da sala operatória para a cirurgia, onde eram distribuídos segundo as letras escritas na testa dos corpos imóveis estendidos sobre as mesas de operação.

No PBX, Marge Krupinski observava a sinalização das linhas exteriores que se acendiam enquanto médicos e enfermeiras de toda a região ligavam oferecendo seus préstimos. Em seguida, começaram a aparecer voluntários civis oferecendo ajuda. «Sou avó», disse

alguém, «e tenho muita experiência de babá. Talvez possa ajudar alguma família que tenha crianças pequenas em casa.» Uma dona-de-casa ligou, oferecendo-se para fazer camas ou «carregar macas».

Da imprensa de Nova York, ligavam repetidamente, com crescente impaciência. Quando os jornais foram informados de que os nomes dos mortos e feridos ainda não eram conhecidos, não acreditaram.

O mais difícil era atender aos chamados de pais em desespero. Um deles telefonou de Maryland, para saber se seu filho estava no ônibus. Marge Krupinski deixou o fone fora do gancho durante vinte minutos, enquanto corria pelas salas e corredores procurando alguém que pudesse saber a resposta. Finalmente, conseguiu dar a informação ao homem: seu filho *estava* no ônibus, e tinha ficado ferido. O pai chegou no primeiro avião.

A telefonista Fay Smith tinha uma afinidade especial com a família McGuinness. Numa noite do ano anterior, a filha mais velha de Fay tinha ido passear de carro com sua melhor amiga, Carol McGuinness, e houvera um desastre. A filha de Fay morrera. As duas famílias, aproximadas pela dor comum, tinham permanecido intimamente ligadas desde então.

A voz familiar de Jim McGuinness soou na linha, perguntando a Fay se havia qualquer notícia sobre o jovem Jimmy. «Ainda não há notícias, Jim. Toco para aí assim que souber qualquer coisa.» Trinta

minutos mais tarde, a mãe de Jimmy telefonou: «Fay, aqui é Peggy. Desculpe incomodar você de novo...» Sua voz desapareceu.

A companhia telefônica tinha enviado uma telefonista-chefe para ajudar o pessoal, um supervisor para tratar de quaisquer problemas imprevistos e um técnico para ficar à disposição, no caso de haver dificuldades mecânicas. (A companhia telefônica havia também instalado oito telefones diretos para uso livre e ilimitado pelos pais.) Fay deixou a mesa telefônica, e procurou um médico. «Vista uma bata, e examine as salas de operação», disse. «Talvez você consiga identificá-lo.»

Vestindo uma das amarrotadas batas verdes, Fay começou a ronda pelo hospital, espiando rosto após rosto, e perguntando: «Jimmy McGuinness... Alguém viu Jimmy McGuinness?» A frase tornou-se uma oração, mas ninguém pôde atendê-la. Jimmy McGuinness não estava no hospital. Só havia outro lugar onde poderia estar — o necrotério.

«Foi horrível, mamãe!»

TOM MARTIN, padrasto de Teresa McNeely, é dono de uma firma de avaliação de imóveis, e estava trabalhando num projeto para um parque público. Às 8 e 5, sentado em sua mesa, ouviu o alarme convocando os bombeiros voluntários. Fez uma pausa, pousando o lápis. Ele era um voluntário,

mas não havia necessidade de atender a todos os chamados, e além disso, o trabalho para o parque era importante. Decidiu não atender, mas assim que tomou a decisão, o lápis caiu-lhe da mão, e ele saiu em disparada.

No quartel dos bombeiros, um tenente dirigia os voluntários que carregavam todas as macas disponíveis para dentro do caminhão de equipamento. «O que aconteceu?», perguntou Tom a um dos bombeiros, mal acabou de chegar.

«Um trem bateu num ônibus escolar», foi a resposta. «Há corpos espalhados por todo lado. Na estrada de Gilchrest.»

Era o caminho seguido pelo ônibus de Teresa! O caminhão desceu rapidamente pela estrada, enquanto Tom segurava desesperadamente o volante. Foi a corrida mais desenfreada de sua vida. Muito antes de chegarem ao local do acidente, encontraram a estrada bloqueada por veículos. Abandonando a pista, avançaram aos solavancos pela faixa lateral da ferrovia.

Tom avistou uma cena caótica — quatorze ambulâncias de emergência, de três corporações de bombeiros, e seis prontos-socorros estavam já ali, estacionados à toa sobre os trilhos, na estrada e pelos campos. Corpos de crianças estavam sendo retirados dos destroços, tratados no chão, ou levados para as ambulâncias. Viu uma enfermeira trabalhando, com o uniforme praticamente ensopado de sangue.

Em poucos segundos, passou a tomar parte na cena, começando imediatamente a distribuir macas, e ajudando a descarregar geradores portáteis que iriam produzir energia elétrica para as ferramentas de corte de metal.

Teresa estava sempre em sua mente, mas ele não poderia abandonar suas tarefas para procurá-la. A certa altura, quando quase pisou no corpo de uma garota que tinha o rosto voltado para baixo, seu coração deu um pulso. Mas não era Teresa. Começou a dizer para si próprio que Teresa não teria vindo naquele ônibus — e repetiu a frase uma vez após outra até que ela se tornou uma ladainha.

QUANDO a mãe de Teresa chegou à sua mesa no hospital, encontrou uma nota escrita rapidamente: «Alice, vá até a sala de emergências.» Pendurou o casaco, e dirigiu-se imediatamente para os fundos do prédio.

No caminho, outra enfermeira contou-lhe sobre o desastre do ônibus. Alice sentiu um súbito temor, mas rejeitou-o logo em seguida. No caminho para o trabalho, tinha feito o percurso normal do ônibus de Teresa, e não vira nenhum acidente. Não sabia que o ônibus tinha vindo por um desvio. Sem perceber, começou a andar mais rápido. No corredor que levava à sala de emergências, encontrou uma longa fila de macas vazias, prontas para uso. Nunca, nos três anos em que trabalhava ali, vira tão grandes preparativos.

Através da porta da sala de emergências, apareceu uma maca com um vulto pequeno e imóvel, uma criança vestida com calças compridas. Alice começou a correr.

«Teresa!», chamou a mãe. «Oh, meu Deus! Teresa!»

Três pessoas da equipe da ambulância estavam ao redor da maca, mas Alice afastou-as, e debruçou-se sobre a filha. Havia cascalho entranhado no seu rosto dilacerado e no couro cabeludo. Seus olhos se abriram por um momento, e dos seus lábios empapados pelo sangue veio um sussurro: «Mamãe!»

«Está tudo bem, querida. Está tudo bem.»

O Dr. Sperling examinou Teresa e, em seguida, colocou o braço ao redor dos ombros de Alice. «Não acredito que haja qualquer lesão interna», disse ele. «Vamos mandá-la para os raios-X imediatamente. Gostaria de vir junto?»

Alice acompanhou a filha pelas salas de radiografia, e depois até o andar superior, onde supervisionou sua transferência para uma cama.

«Foi horrível, mamãe, horrível! O trem veio direto para cima de nós!» Teresa começou a tremer.

«Psiu!, querida. Tente dormir!»

Os sedativos estavam começando a fazer efeito, e a garota disse, já meio entorpecida: «Eu estou bem, mamãe. Vá ajudar os outros.»

Alice Martin beijou carinhosamente a filha na testa, e deixou a sala. Havia tido mais sorte do que os outros pais, mas tinha trabalho a fazer.

Unidos pelo temor

Às 8 e 45, o salão principal do hospital estava apinhado. O plano de emergência não havia previsto uma invasão de quase cem agitados pais, avós, irmãos e irmãs. Embora mantidos fora das salas de cirurgia e recuperação, era impossível mandá-los para casa. Tinham o direito de ficar o mais perto possível de seus filhos.

Para diminuir o congestionamento, o administrador do hospital, Russell Drumm, mandou-os para um grande salão de conferências no piso térreo, perto da cantina do pessoal, e tratou de fornecer-lhes café e sanduíches ininterruptamente. O salão, normalmente usado para conferências, tinha cadeiras e mesas, mas estava isolado do alvoroço da entrada e de outros salões principais. Ali, os pais se reuniram, unidos pelo temor.

Padres, ministros protestantes e rabinos de Nyack chegaram ao hospital para oferecer apoio e conforto. O Padre Donald Whelan, da Igreja Católica de Santa Ana, estivera tomando o café-da-manhã na reitoria, quando chegou uma chamada telefônica do hospital. Como morava a apenas cinco quarteirões de distância, conseguiu estar na sala de emergências quando os primeiros feridos chegaram. Para aqueles que ele sabia católicos, dispensou os últimos sacramentos. Aos outros, ministrou últimos sacramentos condicionais. Depois que todas as crianças haviam passado

pela sala de emergência, ele foi se juntar aos pais na sala de reuniões.

Durante o resto da manhã, ele foi o emissário dos pais aos andares superiores. À medida que as crianças iam sendo identificadas, era o Padre Whelan quem trazia as notícias. Quando uma criança deixava a cirurgia, o Padre Whelan surgia pedindo informações. É um homem paciente e de fala mansa. Quando as notícias eram más, não descarregava inteiramente o seu peso sobre os pais, mas compartilhava-o com eles.

Cada vez que ele entrava na sala de reuniões, todas as conversas paravam, e os pais o olhavam suplicantes. Muitos pensavam que quaisquer notícias seriam bem-vindas — realmente, nada podia ser pior do que o torturante *suspense* de nada saber. Mas, sempre que ele retornava, contraíam-se por dentro, disfarçando o desconhecimento e mostrando alguma esperança.

Numa de suas voltas, o padre caminhou lentamente entre a sala apinhada e parou, finalmente, perto de Jean Moran. Ela empalideceu, e agarrou no braço de uma amiga para se apoiar.

«Acabo de ver Cláudia», disse suavemente o padre. «Ela está viva.»

«Graças a Deus», sussurrou Jean Moran, soltando um suspiro. Mas seu alívio durou apenas um momento. «Está muito ferida?»

«Algumas lesões internas. Não têm certeza se são graves, mas não é nada que não se possa curar. Você poderá vê-la agora, durante alguns

minutos, antes que ela seja transportada para a sala da cirurgia.»

A mãe dirigiu-se para a porta, mas, depois de alguns passos, parou e olhou para trás. O padre sorriu-lhe com confiança. «Vou consigo», disse, tomando-lhe o braço.

Havia coragem e respeito naquela sala isolada. Nenhum pai ou mãe procurou obter atenções especiais, e todos partilhavam as notícias, boas ou más. Como, mais tarde, alguém observou: «Quando uma pessoa era informada de que sua criança tinha apenas ferimentos sem gravidade, todos nós nos alegrávamos. E quando alguém recebia a notícia de que seu filho estava na lista dos casos graves, todos sentíamos uma dor no coração. Era como se todos tivéssemos 45 filhos.»

À medida que as notícias sobre o acidente se espalhavam, todos os pais da região começaram a telefonar para a escola, perguntando ansiosamente se os filhos estavam nas aulas. Os professores tentaram dar as aulas normalmente, mas as constantes interrupções não permitiam o estudo. E em cada sala, uma ou mais carteiras vazias confirmavam impiedosamente a crua realidade da catástrofe.

Um rapaz foi chamado à secretaria-geral, onde seu pai o esperava. Este insistiu em ver o filho para acreditar que estivesse a salvo. Ao ver o garoto incólume, irrompeu em lágrimas.

O jovem voltou perturbado para a sala de aulas. «Nunca tinha visto papai chorar», disse.

Sala de operações n.º 5

TRINTA E OITO minutos depois do acidente, todos os feridos tinham sido retirados do local. Uma hora após a primeira chegada ao hospital, 45 crianças e um adulto haviam dado entrada, sido examinados e instalados em camas, ou passados para as salas de radiologia ou de operação. Ao meio-dia, haviam sido tiradas cerca de trezentas radiografias, e realizadas pelo menos 25 transfusões de plasma sanguíneo e fibrinogênio (uma proteína sanguínea), e dezessete importantes intervenções cirúrgicas.

Pediatras davam assistência a anestesistas, oftalmologistas faziam suturas para ortopedistas, neurocirurgiões faziam suturas para urologistas, cirurgiões-plásticos davam assistência a cirurgiões-dentistas. «Os médicos foram simplesmente maravilhosos», observou mais tarde um pai. «Eles cuidaram não apenas de nossas crianças, mas também de nós. Não sei exatamente o que diz o Juramento de Hipócrates, mas naquele dia nós o vimos em ação.»

Em poucas palavras, fizeram o que devia ser feito. E por vezes realizaram o que parecia milagre.

Na sala de operação n.º 5, havia um jovem esguio de quatorze anos, cabelos escuros, com a letra D marcada na testa. Uma pancada na cabeça o havia deixado inconsciente. Tinha também fratura da clavícula, a perna esquerda quebrada e hemorragias em diversos lugares no corpo. Mas era sua perna direita que mais

preocupava um grupo de cirurgiões chefiados pelo Dr. Eric Rothschild. Estava para ser amputada.

O nome do garoto era David Fleetham. Vinha sentado do lado da janela, na sétima fileira de bancos do ônibus, precisamente atrás do ponto onde este havia sido separado em dois. Na perna direita, ambos os ossos principais haviam sido rompidos entre o joelho e tornozelo, e suas pontas irregulares saíam através da carne. As partes superior e inferior da perna estavam ainda ligadas, mas apenas por alguns tendões e por um feixe de músculos da barrigada-perna. O pé estava completamente frio, pois não tivera circulação de sangue durante quase uma hora.

Os cirurgiões não amputam uma perna sem mais nem menos, e, em dado momento, durante os preparativos, reuniram-se ao redor da mesa de operação para trocar impressões. Admitiram que ainda havia uma chance de se salvar a perna. Assim, lançaram-se ao longo e penoso trabalho de ajustar as extremidades destroçadas dos ossos, e, em seguida, ligar por suturas os músculos, tendões, nervos e artérias. Uma vez completada esta fase, foi aplicado um molde à perna, e o paciente foi remetido para a unidade de tratamento intensivo.

Dentro de poucos dias, sem dúvida, surgiriam infecções. Mas elas seriam debeladas rapidamente, e a perna de David seria salva.

Em outros casos, nenhum milagre seria suficiente. Às 9 e 10 da manhã, Joan Ferrara, uma garota de dezessete anos, era estendida numa maca no corredor. Estava em estado de choque traumático: pálida e com calafrios, com o pulso rápido e fraco, e sua pressão sanguínea era de 80/20. Tinha lacerações profundas no rosto, sua bochecha estava aberta, deixando ver uma mandíbula ensangüentada e alguns dentes arrancados, e seus olhos haviam sido deslocados, causando-lhe estrabismo. Mas, tal como no caso do rapaz D, era a perna direita que mais preocupava os médicos. O pé e a parte inferior da perna tinham sido esmagados, e os músculos macerados. Estavam ligados ao resto da perna por um fiapo de um centímetro de largura.

Ao ser levada para a sala de operação, estava cercada de especialistas. Chefiado pelo principal cirurgião ortopedista de Nyack, Dr. Edward Leahey, o grupo era constituído por um neurocirurgião, um cirurgião-dentista, um cirurgião-plástico, um urologista e um oftalmologista. Começaram a trabalhar em seu corpo massacrado, e numa série de operações (que se prolongaram por várias semanas) realizaram algumas proezas verdadeiramente milagrosas. Sua mandíbula e bochecha foram reparadas, pelo lado de dentro da boca para não se notarem cicatrizes. Mas não era possível salvar seu pé direito; na verdade, já não era pé. O pedaço de carne que o ligava foi cortado.

O processo de cura

AS POPULAÇÕES de Nyack e Valley Cottage despertaram na manhã de sábado, 25 de março, com uma «ressaca emocional», como se tivessem sido drogadas. Pais, parentes e amigos, empregados dos hospitais e voluntários — todos tinham sido impulsionados ao longo do primeiro dia, por uma reação natural ao desastre e por um senso de irrealidade perante suas dimensões. Naquela gélida manhã, a tragédia tornou-se real. Richard Macaylo, James McGuinness e Robert Mauterer estavam mortos. Joan Ferrara havia perdido uma perna, e, mais tarde, Mary Jane Li Puma também perderia a sua. Oito jovens permaneciam na lista dos casos graves.

No domingo, realizou-se um serviço religioso de crenças combinadas, na Igreja Episcopal de Todos os Santos, em Valley Cottage. Cerca de quinhentas pessoas, vestindo luto, enchiam por completo a igreja, e sobravam para o pátio exterior. Muitos eram estranhos. Uma mulher de Nova Jersey explicou: «Quando ouvi as notícias, agradei a Deus que meus filhos não estivessem nisto. Mas, depois, senti que não podia ficar de fora. Estes jovens eram, de certo modo, parte de mim própria. Tinha de vir até aqui.»

No dia seguinte, Terence Cardinal Cooke veio de Nova York para officiar uma missa de réquiem pelos três garotos mortos, na Igreja

Católica Romana de St. Paul, em Congers. Quem levou os caixões foram jovens amigos e colegas de classe.

Nessa mesma manhã de segunda-feira, Tom Grosse, de quatorze anos, morreu no hospital. Ele vinha de pé, no corredor do ônibus, na hora do impacto. Em momento algum recuperara a consciência. Na terça-feira à tarde, foi celebrado um ofício em sua memória, na Igreja Presbiteriana de Germonds. Também ali estiveram presentes muitos pais dos feridos e mortos, todos membros de uma nova «família», criada e unida pelos laços da dor e do sofrimento.

Também não seria este o fim do tormento. A 12 de abril, a lista dos casos graves foi, mais uma vez, reduzida, quando Stephen Ward morreu.

Após seis dias no hospital, Joseph Larkin, o motorista do ônibus, devia receber alta. Sua segurança pessoal tinha sido uma preocupação constante. Os agentes da polícia haviam-no mudado duas vezes de quarto, a fim de manter sua localização secreta. Talvez as precauções fossem excessivas, mas várias cartas ameaçadoras, endereçadas ao «Assassino Larkin», tinham sido recebidas no hospital.

Até mesmo as enfermeiras sentiam, a princípio, certa hostilidade para com Larkin, mas sua atitude em breve mudou. Uma delas explicou: «Ele nunca tocou a campainha para pedir qualquer auxílio. Tinha

uma clavícula fraturada, com deslocamento, e certamente sentia dores, mas ninguém jamais teria adivinhado. Sempre que uma enfermeira entrava no seu quarto, encontrava-o olhando perdidamente pela janela, com o rosto impetrável como uma máscara. Respondia às perguntas que lhe fossem feitas, mas, fora isto, estava sempre calado.»

A 30 de março, Larkin recebeu instruções para se vestir e permanecer em seu quarto, até que alguém o viesse buscar. Obedeceu, e ficou sentado, olhando para o panorama que, tão longamente, havia observado durante seis dias. Finalmente, a porta se abriu e entrou uma enfermeira, empurrando uma cadeira de rodas. Sem uma palavra, ele se sentou nela, e foi levado pelo *ball* apinhado.

A maneira mais segura e discreta de levá-lo era agir como se ele fosse um paciente normal, sendo retirado de forma rotineira. Havia guardas em pontos estratégicos, ao longo do percurso, mas tomaram cuidado para não se mostrarem interessados no homem que passava numa cadeira de rodas.

Quando Larkin entrou no salão principal, várias pessoas se viraram para observá-lo. Em seus rostos, brilhou a luz do reconhecimento, rapidamente amortecida pela incerteza. Sua fotografia fora publicada num jornal local, mas o rosto, fotografado em tempos mais felizes, mantinha apenas uma ligeira semelhança com o do macilento homem

na cadeira de rodas. Tinha 35 anos quando entrou; agora, ao sair, parecia ter 45. Finalmente, alcançou a porta da frente, sendo levado para um carro que o esperava.

NA SEXTA-FEIRA, 31 de março, um gigantesco helicóptero bimotor decolou da base da marinha norte-americana, em New River, na Carolina do Norte, e voou para o norte. Ao chegar ao Ginásio de Nyack, pairou momentaneamente sobre o campo de atletismo e, em seguida, com uma furiosa ventania, aterrou. Dele saíram o Tenente Vladimir Oksevski, o piloto Capitão William Holls, e quatorze recrutas que haviam voado até lá para doar sangue às vítimas do acidente.

O Tenente Oksevski era um refugiado iugoslavo que vivera algum tempo em Congers. «Quando ouvi falar do desastre», disse, «sabia que teria de fazer qualquer coisa para ajudar as pessoas da minha antiga cidade.»

Em seguida, os rapazes da marinha marcharam pela rua, até o hospital, onde deram sangue e visitaram os feridos.

O desejo de ajudar, como parte do processo de cura, espalhou-se por todos os setores da comunidade. Crianças do Centro Judaico de Monsey iniciaram uma coleta de porta em porta, a fim de angariar dinheiro para as vítimas e suas famílias. Os estudantes secundários de Nyack e Congers e uma Organização da Juventude Católica fizeram o mesmo. Comerciantes

e serviços governamentais locais colocaram «cofres de donativos» em suas instalações. Organizaram-se competições atléticas, revertendo a renda para as famílias. Muita gente enviou donativos diretamente para o hospital. Chegaram três mil dólares no primeiro fim-de-semana.

À medida que as notícias sobre o fundo eram difundidas pela imprensa e televisão, passaram a chegar cheques de todos os pontos da nação. Um dos envelopes continha um breve mas comovedor bilhete, juntamente com algumas notas amarradas que somavam cinquenta dólares. Era de um preso que cumpria pena numa prisão no sul.

Os donativos logo atingiram setenta mil dólares, e o fundo se tornou uma instituição de caridade oficial, registrada em Nova York. Foi nomeado um Comitê de Auxílio Imediato, com permissão para oferecer dinheiro aos pais, contra a apresentação de quaisquer recibos relacionados com o acidente, inclusive a contratação de babás, donas-de-casa e tutores. Quaisquer que fossem os problemas destas famílias, a preocupação com o pagamento imediato de contas médicas não poderia existir.

Recuperação

VINTE E CINCO dias após o acidente, a 18 de abril, Joseph Larkin quebrou seu silêncio forçado. Numa petição exposta formalmente ao promotor do muni-



**Quem é a pessoa
que se encontra
na Rua Bela Vista, 63/75
- 01014 São Paulo, SP,
Brasil?**

É a mesma que pode se encontrar no endereço: 100 Broadway, New York, N.Y. 10005, U.S.A. E, bem assim, em mais de 120 escritórios, representações, filiais e instituições associadas, em grande número de cidades distribuídas por todo o mundo. O *Bank of Tokyo* só designa pessoas para cargos dessa natureza, depois de terem passado por um rigoroso treinamento em atividades bancárias, tanto internas quanto internacionais. Esse treinamento, juntamente com a experiência de anos de trabalho efetivo, possibilita a essas pessoas tratar com os mais intrincados problemas financeiros ou bancários, principalmente no que respeita a transações de capital internacional.



Segurança associada à conveniência
Cheques-de-viagens, em dólares e em ienes — emitidos pelo *Bank of Tokyo*



Grupo do Bank of Tokyo

● The Bank of Tokyo of California ● The Bank of Tokyo Trust Company ● The Chicago-Tokyo Bank ● Ventures West Capital Ltd. ● Banco de Tokyo S/A ● Bank of Tokyo (Switzerland) Ltd. ● The Bank of Tokyo (Holland) N.V. ● Banque Européenne de Tokyo S.A. ● Western American Bank (Europe) Limited ● Bank of Tokyo Holding S.A. ● Curacao Tokyo Holding N.V. ● „CENTROFIN“ Finanzierungs- Vermittlungs- Handels- und Treuhandgesellschaft m.b.H. ● The International Bank of Iran and Japan ● Bangkok Tokyo Finance Company Ltd. ● Magnum Finance Berhad ● Partnership Pacific Ltd. ● Beneficial Finance Corporation Ltd.

cípio, ele disse: «Ninguém lamenta mais do que eu a tragédia de 24 de março de 1972. Ela será parte de mim mesmo pelo resto da vida. Mas foi um acidente, não um crime.»

Entretanto, a 27 de abril, Larkin foi chamado à presença de um júri rigorosamente protegido, reunido no tribunal municipal em New City. Repórteres e operadores de televisão se concentraram na escadaria frontal, para registrar sua chegada, mas ele foi levado para o interior do edifício por uma porta traseira. Saiu duas horas mais tarde, com os ombros descaídos e o rosto pálido.

Na quarta-feira seguinte, foi acusado de cinco homicídios involuntários por negligência — um para cada criança falecida. Foi a primeira vez, na história do Estado de Nova York, que tais acusações eram originadas por um acidente com um ônibus escolar. Constata-se homicídio involuntário por negligência, quanto a atitude tomada pelo responsável por um acidente constitui um grave desvio das normas de cuidado que uma pessoa em sã consciência teria observado em idêntica situação.

As acusações diziam que ele «não freou o ônibus escolar, a uma distância não inferior a quatro metros e meio e não superior a quinze metros, antes da passagem-de-nível; não reduziu para uma marcha inferior; não parou ante um sinal de trânsito claramente identificado; não manteve o ônibus



Descubra a Europa dos "seus" sonhos

**Sabemos que as pessoas
têm gostos diferentes.**

A Europa é para alguns a visão distante e emocionada de sua terra de origem... para outros, o encontro de seus artistas prediletos... ou o roteiro repleto de evocações históricas... ou, ainda, a tentadora Europa de hoje, com tantas coisas novas para escolher, sentir e olhar. Sendo uma das grandes companhias aéreas européias, a IBÉRIA conhece o valor de cada lugar, a atmosfera de cada um dos ambientes sutis que compõem a Europa de seus sonhos. Por isso lhe propomos a viagem que «você» sonha fazer. Ao sabor de sua fantasia. Ao seu gosto. Basta mencioná-la ao seu Agente de Viagens. Na IBÉRIA, você se sentirá sempre um «hóspede de honra», porque nos orgulhamos da atenção individualizada que prestamos a cada um de nossos passageiros! E lembre-se: todas as nossas viagens intercontinentais «têm» que passar pela Espanha... outro presente da IBÉRIA no roteiro dos seus sonhos!

IBERIA

põe asas em seus sonhos



**IBERIA LINHAS AÉREAS
INTERNACIONAIS DA ESPANHA**
234 AGÊNCIAS EM 50 PAÍSES

sob controle adequado...; não abriu a porta do ônibus para ver e ouvir, conforme exigido pelas regras; e, como resultado, dirigiu o ônibus sobre a ferrovia colidindo com um trem de carga da Penn Central, o qual era claramente visível, e tinha feito soar um sinal audível a trezentos metros, ao se aproximar do cruzamento com a estrada de Gilchrest.»

A esposa de Larkin manteve-se junto dele durante a leitura da acusação. Quando esta terminou, chorou em silêncio. Seu marido foi levado para ser fotografado e tirarem impressões digitais; em seguida, foi solto condicionalmente.*

ENTRETANTO, dezessete pacientes haviam recebido alta, e os restantes voltariam para casa nos trinta dias seguintes. Entre eles, se encontrava David Fleetham, o rapaz D, com sua perna ainda imobilizada, e Barbara Trunz, a aspirante a atriz. Barbara ganhou o prêmio do papel feminino na peça escolar. Um crítico do jornal local escreveu: «Ela tem um modo impressionante de interpretar uma canção. Um dos fatores que tornaram o desempenho de Srta. Trunz ainda mais notável é que ela se apresentou em muletas. Soube se mover com extraordinária graça.»

* A 8 de março de 1973, após 29 horas de deliberação, um júri declarou Larkin culpado em todas as cinco acusações de homicídio involuntário por negligência. A 10 de abril, foi sentenciado a cinco anos de prisão, com pena suspensa.

O fardo mais pesado da recuperação recaiu sobre os amputados. Perder uma perna (na idade juvenil dos bailes escolares, provas de atletismo e romances em flor) foi um golpe cruel.

Uma tarde, pouco antes de receber alta, a amputada Joan Ferrara recebeu uma visita (uma estranha e atraente jovem, não muito mais velha do que ela) que simplesmente entrou no quarto e se anunciou como amiga do Dr. Leahey, o médico que cuidava de Joan. Sentou-se e começou a conversar.

Será que ela tinha notado que, por debaixo dos lençóis, se distinguia o vulto de apenas um pé? Joan tinha certeza de que ela o tinha notado, e estava convencida de que todo mundo que entrava no quarto fazia o mesmo.

Por sua vez, Joan olhava com amargura as duas bem torneadas pernas da visitante, e pensou: *É bem fácil para ela estar animada e feliz; ela não é uma mulher pela metade.* Mas estes pensamentos foram interrompidos por uma cena inacreditável. A visitante, subitamente, remexeu sob a saia, desprendeu algumas fivelas e desmontou a perna direita. Depois, remexeu mais uma vez e desmontou a perna esquerda. Também ela fora vítima de um acidente de trem, perdera as *duas* pernas logo abaixo dos joelhos.

Descreveu com desenvoltura como as pernas artificiais funcionavam. Eram feitas de um novo material plástico, suave ao toque.

Vestiam-se sobre os cotos, como uma meia, e ligavam-se a uma espécie de cinta para ligas. Pareciam completamente naturais. Depois que a visitante as tinha recolocado, Joan achou difícil acreditar no que vira.

Antes de deixar o quarto, a jovem tomou as mãos de Joan nas suas e disse: «Vou me casar em junho. Você virá ao meu casamento?»

O mais precioso patrimônio

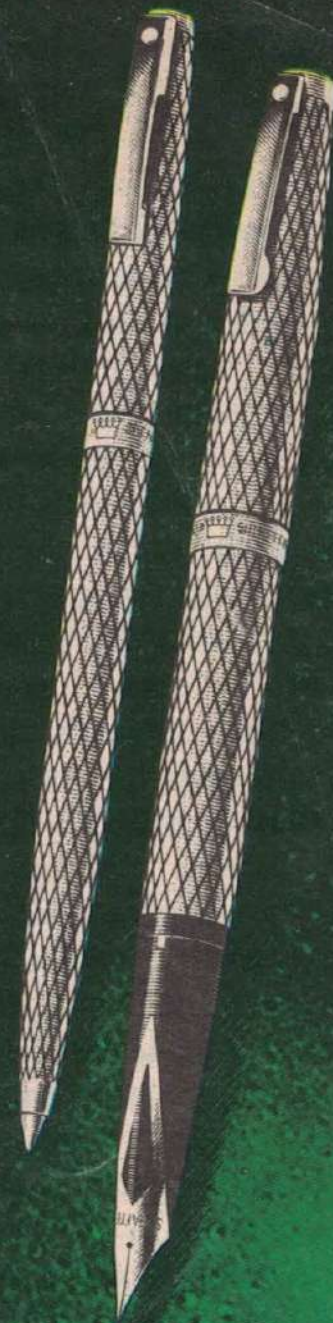
SEJA QUAL FOR o desastre que atinja uma comunidade, há sempre rituais inalteráveis que assinalam a passagem do tempo. Em Nyack, na noite de 24 de junho, era chegado o momento das formaturas. Às oito horas, grupos de famílias começaram a chegar ao campo de futebol da escola, e, às 8 e 30, os palanques estavam cheios.

Numa das linhas demarcatórias, havia uma fileira de cadeiras para os professores, os convidados de honra e os alunos representantes das classes. No centro, havia uma tribuna de conferencistas, e, à esquerda, um amontoado de estantes de música para a orquestra da escola. Por trás, havia um painel armado, com dois metros e meio de altura, feito de ramos de sempre-vivas. Os holofotes do campo estavam apontados para ali, deixando as traves do gol distantes e ensombreadas. Do outro lado da rua, ficava o hospital, com suas janelas iluminadas escondidas pelas árvores que orlam a Avenida Midland.

Os formandos de 1972 surgiram da porta da escola, e deslocaram-se em procissão através do campo, para ocupar as 235 cadeiras que os esperavam. Os rapazes usavam togas negras e barretes quadrados, e as garotas o mesmo, em branco. «Finalmente», murmurou um pai, «a gente pode descobrir quem são os rapazes e quem são as garotas.»

Quando chegou a hora da entrega dos diplomas, os estudantes subiram ao palco por ordem alfabética. O primeiro foi Steven Abernathy; a última seria Nazira Zada. Entre eles, estavam os da letra M. À medida que os nomes eram proferidos, fez-se silêncio nas arquibancadas. Finalmente, pelos alto-falantes vieram as palavras: «Richard Macaylo, com menção honrosa.» Os aplausos irromperam de todos os lados e continuaram ininterruptamente enquanto um amigo do jovem falecido se aproximou para receber o diploma em nome da família.

Às dez e meia, as cerimônias terminaram, e as arquibancadas despejaram a multidão para o meio do campo, onde cada formando atraiu um bloco de parentes. Mas aquelas muitas «ilhas» não estavam isoladas umas das outras; estavam ligadas pela experiência comum da tragédia. Os jovens tinham conhecido a dor da perda, mas também ganharam algo — a descoberta do seu próprio interesse pelos outros. E nisto se sentiam apoiados pelos adultos de Nyack e das cidades vizinhas. O abismo entre as gerações havia subitamente de-



Um Presente Extraordinário A Jóia Máxima de Um Mestre Artífice

Em ocasiões em que só o extraordinário é bastante, ofereça uma «Silver Imperial», de prata sterling maciça, ou uma «Imperial Sovereign», da Sheaffer, banhada a ouro de 14 quilates. São obras-primas do maior fabricante de instrumentos de escrita do mundo. Puro e luxuoso artesanato, do prendedor à pena de ouro de 14 quilates. Esferográfica e lapiseira são seus adequados complementos. Peças únicas ou conjuntos para presente

SHEAFFER

o artífice orgulhoso

SHEAFFER, WORLDWIDE, GRUPO **textron**

crescido, pois eles, desde aquele dia, descobriram que eram amados.

Após os cumprimentos, apertos de mão e beijos, os grupos se dissolveram lentamente, alguns deles para irem a festas, outros para voltar para casa. Em breve, o campo, as traves do gol, as arquibancadas e as cadeiras montadas eram apenas sombras à luz brilhante do hospital do outro lado da rua.

TRÊS MESES mais tarde, no dia 16 de setembro, realizava-se uma outra cerimônia: a inauguração de um novo parque para crianças, 750 metros acima da passagem-de-nível na estrada de Gilchrest. Uma placa de bronze incrustada numa grande pedra foi descerrada, e ao ato assistiram a maior parte das vítimas sobreviventes do desastre e suas famílias. Algumas ainda usavam gesso, várias estavam de muletas, e uma estava numa cadeira de rodas.

No extremo da multidão, um homem e sua mulher estavam quietos, retirados. O homem era Joseph Larkin, o motorista do ônibus. Embora sua chegada não tivesse sido percebida, a consciência da sua presença percorreu a multidão. Algumas pessoas dirigiram

olhares em sua direção, e logo voltaram a cabeça. Ninguém se adiantou para confortá-lo. Era talvez demais esperar isso daqueles pais afligidos. Mas agora eles já não o reprovavam nem faziam aumentar o seu tormento. Compreenderam que, apesar do que Larkin tivesse feito ou deixado de fazer, naquele momento eles estavam na presença da sua coragem.

A música foi tocada pela banda do Ginásio de Nyack, sendo quatro dos seus membros sobreviventes do desastre. Em seguida, Cardinal Cooke fez um breve discurso.

A placa foi descerrada. Tinha inscrita a data da inauguração, os nomes dos jovens que haviam morrido e estas palavras:

À MEMÓRIA DAS CRIANÇAS

Em memória do mais precioso patrimônio da nossa cidade — cinco das nossas crianças. A dádiva que tinham para nós, como resultado da tragédia, jamais será cumprida. Que todos quantos se detenham para compartilhar desta terra compreendam que cada geração encerra todas as nossas aspirações, e essa será nossa maior herança.

(Tradução de Raul Guerreiro)



AQUELAS jovens que andaram queimando seus *soutiens* vão levar um susto quando resolverem usá-los novamente. Será como arranjar um emprego depois da aposentadoria: estarão fazendo a mesma coisa, mas num nível mais baixo.

— O. C. L.